DESCRIPÇÃO

DAS

ARMAS REAES DE PORTUGAL

Dos brazões das cidades e das principaes villas do Reino, e explicação das insignias d'algumas d'ellas.

POR

Henrique Luiz Feijó da Costa

LISBOA

TYP. LISBONENSE DE AGUIAR VIANNA.

Largo da Abegoaria n.º 8 e 9 (Junto ao Carmo).

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/descripcaodasarm00cost

Das armas reaes de Portugal.

Tem por escudo d'armas em campo de prata cinco quinas azues, postas em cruz, com cinco dinheiros de prata em aspa cada uma, ao redor em campo vermelho sete castellos d'ouro; na parte superior do brazão uma corôa fechada.

As antiquissimas armas do reino consistiam n'uma cidade branca sobre campo azul assentada em ondas verdes e douradas..

*

Fundado nas margens do Douro houve o castello de Gaya, e por aportarem alli mercadores e pescadores em tanto numero, que não podessem commodamente habitar em tão pouco terreno, passaram para outra banda do rio, e ahi povoaram uma pequena aldeia que chamaram Porto, e unindo o nome d'aquellas duas povoações Porto e Cale (que depois se veio a dizer Gaya) resultou o nome de Portocale, e hoje Portugal. Como do Porto trouxeram o nome, tambem quizeram o mesmo brazão, que constava d'uma cidade branca representando o castello de Gaya, sobre o rio Douro, indicado pelas aguas verdes e douradas (1).

O Conde D. Henrique no seu escudo mostrava uma cruz azul sobre campo branco; brazão dos duques de Saboia (2).

Foram estas armas, que D. Affonso Henriques, primeiro rei de Portugal, usou até á batalha do Campo de Ourique, onde, dizem (3), lhe appare-

cêra na noite antecedente ao combate, Christo crucificado prognosticando-lhe a victoria, que alcançaria sobre os Mouros: alguns historiadores (4) mesmo querem, que fosse tambem n'esta occasião, e que o proprio Christo, lhe dera o escudo d'armas, mas conforme a maior parte dos documentos, que tractam d'este assumpto, encontramos, que depois da batalha vencida, D. Affonso Henriques quiz, que as suas armas tivessem algum motivo de lembrança d'um tão extraordinario facto; dividio a cruz azul, que trazia, e partindo-a formou cinco quinas, em memoria das cinco chagas de Christo, apesar, que é opinião d'outros, (5) representarem os cinco reis Mouros, que vencêra; mas ha mais fundamentos para se poder affirmar, o ser em memoria dos chagas, e não dos Mouros. Meteo em cada quina trinta dinheiros, para lembrança do preço por que venderam o Redemptor do Mundo. Mais um motivo para nos convencer, de que as cinco quinas si-

gnificam as chagas de Jesus, pois sendo todas as insignias das armas de Portugal referidas á paixão de Christo, como as quinas formando uma cruz, e os trinta dinheiros, então não se lembraria das chagas, mas sim dos cinco reis Mouros que vencêra? confundiria o divino com o profano? Outros historiadores (6), contam, que D. Affonso tambem lhe ajuntára por timbre um elmo, com um dragão de peitos para cima d'ouro, e com suas azas, em memoria da serpente que Deus enviou a Moisés; comtudo no dinheiro d'este reinado, que algum ainda existe vê se, que é cunhado só com as quinas, e não tem nem elmo, nem dragão.

O brazão que trazia D. Sancho primeiro, como tambem se vê na moeda do seu reinado, consistia n'um escudo com quatro estrellas affastadas entre si, de maneira que seus raios tocavam na superficie do escudo No centro d'elle estavam cinco escudos á semilhança d'uma darga, mas na parte inferior mui-

to mais ponteaguda, com os quaes cinco escudos fica feita a imagem da cruz, e dentro de cada um tinha quatro dinheiros, tambem formando a cruz. A significação d'estas armas é a mesma que a do brazão de seu pai. As estrellas em campo razo representam o globo celeste, em que appareceu a D. Affonso a imagem do Filho de Deus; a cruz formada dos cinco escudos, a cruz onde Christo expirou: os cinco escudos, as cinco chagas de Jesus, e finalmente os quatro dinheiros em cada quina, sommado, fazem vinte, contando duas vezes o numero dos escudos sommam dez, dez e vinte, egual a trinta, a conta completa dos dinheiros por que foi vendido o Filho da Virgem (7).

As armas de Portugal no tempo de D. Affonso terceiro foram mudadas, pois como este rei foi o que acabou de conquistar os Reinos dos Algarves, determinou tambem honrar as quinas Portuguezas, com o brazão do reino, que se ajuntou. O escudo das armas do Al-

garve era em campo de sangue uns castellos d'ouro, e D. Affonso terceiro poz sobre essas armas as quinas reaes, mostrando assim estar o Algarve sujeito a Portugal (8).

Alguns historiadores (9) affirmam, que no reinado de D. João primeiro, pela confusão que faziam os trinta dinheiros em cada quina, como até aquelle tempo tinham usado seus progenitores, ordenou que só cinco dinheiros fossem postos em cada escudo, e multiplicados os cinco dinheiros das cinco quinas resulta vinte cinco; e junto o numero das cinco quinas sommam trinta. Mas esta opinião é desmentida, porque no reinado de D. Fernando primeiro a moeda que se cunhava tinha já cinco dinheiros em cada escudo; e no tempo de D. Sancho primeiro, como dissemos, já não trazia em cada quina trinta, mas sim quatro dinheiros.

Foi D. João segundo que reduzio os castellos d'ouro a sete, que representam as villas de Estombar, Paderne,

Aljezur, Albufeira, Cacella, Sagres e Castromarim (10).

Este rei usou d'uma corôa aberta sobre o escudo, e seus descendentes trouxeram a corôa d'esta forma até D. Sebastião, primeiro que a usou fechada.

Tais foram os differentes escudos d'armas que nossos Monarchas usaram.

Abrantes.

Tem por armas em campo azul, quatro flores de liz, e outros tantos corvos, com uma estrella no meio.

As flores de liz, dizem, que tomara do seu primeiro Alcaide mór, que assistio á tomada de Lisboa, donde levou para Abrantes um dente de S. Vicente, que é representada pelos quatro corvos, e a estrella mostra, que foi habitada pelos Mouros (11).

Albufeira.

Tem por armas um boi n'um escudo branco.

ALEMQUER.

Tem por armas as reaes, e um cão pardo ao pé.

Os Mouros chamavam a um cão que lhe vigiava a villa, Alão, por pertencer a essa raça, o qual logo que presentia o inimigo, por seu ladrar furioso avisava os Mouros, que alguem estranho se aproximava. Mas quando D. Affonso Henriques e o seu exercito se aproximava, o cão não ladrou, e até lhe fez muita festa, pelo que D. Affonso disse o *Alãoquer*; apoderando-se da villa lhe ficou com pouca alteração o nome d'Alemquer. A villa tomou tambem o cão por uma insignia do seu escudo.

ANCIÇÕES.

Tem por armas um castello com esta letra *Anciães leal no reino de Portugal.*

ARRAIOLOS.

Tem por armas as quinas reaes.

AVEIRO.

Tem por armas n'um escudo em palla do lado direito uma aguia parda,

com as azas estendidas, metida entre duas meias luas, e duas estrellas prateadas postas em aspa: do lado direito a esphera, e no centro as quinas reaes Tal descripção faz o Padre Carvalho na *Corographia Portugueza*, e quasi o mesmo diz D. Luiz Caetano de Lima na sua *Geographia Historica*, quando escreve as armas d'Aveiro são as quinas reaes entre uma aguia parda e uma esphera. Mas o *Livro d'Armaria d'Alcobaça* as descreve, bem differentemente; em campo verde um Pato de prata dentro d'agoa, d'angulo a angulo duas estrellas d'ouro, e dois crescentes de prata com as pontas voltadas para baixo, collocados alternadamente.

ALTER DO CHÃO.

Tem por armas um castello com dois escudos onde estam as quinas reaes; e uma fonte com duas flores de liz.

AVIZ.

Tem por armas uma cruz em cam-

po branco, e junto á parte inferior da cruz duas aves, cada uma de seu lado. A cruz é verde com remates de flor de liz, em forma da ordem militar de Calatrava.

As aves representam, que indo certos cavalleiros para fundarem um assento, afim de peleijarem contra os Mouros, encontraram n'uma arvore duas aguias, julgaram que era aquelle o signal para que fixassem alli as suas habitações. Passados tempos tomaram por armas as aves juntas á cruz, d'aquella ordem a que pertenciam, ordem que depois deu á villa nome e armas.

BARCELLOS.

Tem por armas n'um escudo, uma ponte, torre, e ermida, com um cavallo á porta. Em faxa tres escudos pequenos, dois com as quinas reaes, e o do meio com uma aspa, devisa do Senhor D. Affonso primeiro duque de Bragança.

BÉJA.

Tem por armas um escudo, no canto direito uma cidade torreada, com

sua torre d'homenagem, posta sobre um campo verde: no meio do escudo as quinas reaes, descançando na cabeça d'um touro; e de cada parte do escudo real uma aguiá negra.

BERINGEL.

Tem por armas em campo vermelho um braço d'ouro com azas, empunhando a espada.

BORBA.

Tem por armas dois barbos, em memoria d'um barbo, que, dizem, appareceu junto á Egreja n'um tanque. D'ahi tomou as armas e o nome.

BRAGA.

Tem por armas duas torres, e entre ellas a imagem da Mãi de Christo, com a corôa na cabeça, roupas vermelhas, e o manto azul, com seu Filho nos braços. Por baixo da Senhora tem uma letra onde se lê: *Fidelis et antiquae Brachare.* Na parte superior de tudo tem uma mitra, que está mais alta que as torres.

BRAGANÇA.

Tem por armas uma torre alta, sobre um monte verde com quatro frestas, uma porta estreita, ares esverdeados, ou conforme outros, dentro d'um escudo de prata.

CABEÇA DE VIDE.

Tem por armas um castello e no meio uma cepa, d'onde sáem muitas vides cobertas de folhas, que o estão cercando.

Dizem que houve no cume d'aquelle monte uma cepa, e que em memoria d'isto tomaram a vide por armas.

CAMPO MAIOR.

Tem por armas a Mãi de Jesus, um cordeiro e um circo onde está escripta a seguinte legenda: *Sigillum Capituli Pacencis.*

Este escudo d'armas foi dado pelo Bispo de Badajoz D. Pedro Peres.

CAMPO D'OURIQUE.

Tem por armas n'um escudo cinco cabeças d'homens coroados; em memo-

ria dos cinco reis Mouros, que D. Affonso Henriques venceu.

Castello branco.

Tem por armas n'um escudo vermelho um castello d'ouro, com trez torriões sobre as ameias.

Castello rodrigo.

Tem por armas as reaes, ao revez, e o elmo para baixo.

Assim o ordenou D. João primeiro de Portugal, por não lhe quererem dar entrada quando marchava para Chaves, e porque seus moradores seguiam o partido da rainha de Castella.

Castello de Vide.

Tem por armas um castello, cercado d'uma vide. Querem alguns, que houve no castello uma vide; ou conforme outros é, porque o Castello de Vide, divide Portugal de Castella.

Celorico.

Tem por armas d'uma parte um castello, sobre o qual uma aguia voando tem uma truta agarrada nas unhas,

e d'outro lado uma meia lua e cinco estrellas.

A insignia da aguia trazendo a truta sobre o castello representa, que sendo Fernão Rodrigues Pacheco governador d'aquella praça, no tempo que pelo mandado do Papa o infante D. Affonso, conde de Bolonha, succedeu no throno, por abdicação de D. Sancho segundo. N'esta occasião se mostraram raros exemplos de lealdade entre os governadores d'alguns castellos; um d'elles foi o celebre Fernão Rodrigues Pacheco governador de Celorico. Tendo-lhe D. Affonso posto um rigoroso cerco á praça, pelo motivo do governador não lhe querer entregar as chaves de Celorico, aconteceo que uma aguia trazendo uma truta a deixou cahir no castello, a qual mandou logo Fernão Rodrigues deitar para os arraiaes do rei, o que vendo os soldados de D. Affonso, foram-lhe dizer, que apesar do rigoroso cerco, que tinha a praça de Celorico havia ainda tanta abundancia

d'alimentos, que atiravam com trutas fora. D'isto resultou levantarem o cerco.

A lua, e as cinco estrellas tomaram-nas por um successo maravilhoso, que foi a lua sendo nova, e aquellas cinco estrellas allumiarem em quanto se conseguia a victoria sobre os Leonezes e Castelhanos, no anno de 1187.

Certã.

Tem por armas uma Certã com esta legenda — *Certago sternit certagine hostes.* — Alludindo, a que vindo os Romanos para tomarem esta villa, mataram um cavalheiro, marido de Celinda, a qual embravecida, ao tempo que os Romanos entravão victoriosos pela fortaleza, ella que estava frigindo n'uma certã uns ovos com azeite para o marido, deu-lhe com a certã cheia de azeite a ferver pelos olhos. D'esta maneira retardando a força do inimigo, deu tempo a chegar soccorro das terras visinhas, e os Romanos se retira-

ram envergonhados de serem vencidos por uma mulher.

CHAVES.

Tem por armas um escudo azul dentro do qual se vêem as armas reaes, com duas chaves d'ouro, uma de cada lado, assentando tudo sobre uma ponte, por onde passa um rio.

Porem encontramos um desenho do brazão de Chaves, que mostrava, em campo de prata cinco chaves d'ouro em aspa.

CINTRA.

Tem por armas n'um escudo verde, uma torre sobre tres rochedos.

COIMBRA.

Tem por armas n'um escudo coroado uma donzella com as mãos postas, e corôa na cabeça vestida de vermelho, e descoberta da cintura para cima e o resto occulto n'um vazo de ouro de forma d'um calis. Da parte direita tem um dragão verde, e da esquerda um leão.

Coimbra dizem que fôra habita-

da por nove nações barbaras: os Egypcios, Fenicios, Gregos, Celtas, Romanos, Suevos, Alanos, Godos, e Mouros; soffreo o dominio de tantos barbaros, e sempre resistio, pelo que com razão se pinta coroada, pois triumfou até do mesmo tempo, porque passaram tantos seculos, e sempre metropoli. As armas como dissemos são uma donzella chamada *Cindafunda* mulher de Attaces rei dos Alanos, o qual expulsou os Romanos d'aquella cidade. O emphase d'estas figuras, é que andando Attaces muito occupado em reparar a cidade destruida pelas guerras, veio contra elle, seu antigo emulo Ermenencio, rei dos Suevos na Galliza, com grande poder; o que sabendo Attaces lhe saío ao encontro, e, de tal modo se houve com elle, que Ermenencio ficou vencido, e lhe offereceo por mulher a Cindafunda mui formosa. Celebrando-se as bodas significadas pelo calis; e tão satisfeito ficou Attaces com a esposa, que mandou que a cidade tivesse por tim-

bre a imagem de Cindafonda, posta entre um leão que elle tinha por brazão, e um dragão verde, que seu sogro trazia nas bandeiras, para que fosse manifesto que aquellas duas insignias contrarias, estavam agora intrelaçadas.

Outros querem que o leão denote os Leonezes, e o dragão os Mouros enganadores como elle; pois estas duas nações conquistaram Coimbra.

CORUCHE.

Tem por armas n'um escudo branco uma coruja.

COVILHAMA.

Tem por armas uma estrella.

ELVAS.

Tem por armas um homem armado a cavallo, com um estandarte na mão onde se vêem as armas reaes. E não um escudo branco como alguns dizem, que Elvas tem por brazão.

Contam os habitantes d'Elvas, que a razão d'aquellas insignias que tem por armas, é, que houve antigamente um

cavalheiro em Elvas, cujo nome não menciona a historia, que estando com varios amigos, apostára e jurára pela sua dama, que arrancaria das mãos do Alcaide o estandarte de Badajoz na occasião da procissão de *Corpus Christi*.

A todos pareceu impossivel tal ousadia.

No dia da procissão passava o estandarte entre numerosos cavalleiros, que a acompanhavam: mas de repente, mais veloz que o raio, eis que o estandarte é arrancado das mãos do Alcaide, homem já de idade; e um mancebo com elle na mão d'um pulo salta sobre um ginete; não corre, vôa por entre a multidão.

Os Hespanhoes gritando mata, mata, vinga o estandarte de Badajoz, corriam atraz d'elle; mas este sempre victorioso mostrando-lhes o estandarte, já alcançava com a vista as muralhas d'Elvas. Os habitantes d'Elvas tinham corrido ás muralhas para receberem o valoroso cavalheiro, tocavam sinos, buzi-

nas, e com alegria festejavam a vinda do mancebo: mas desgraça! elles vendo que os Hespanhoes o seguiam, atemorizados fecham as portas da cidade, e levantam as pontes. N'este momento chega o valoroso joven, corre em volta da cidade, não acha porta aberta por onde possa entrar, desesperado lança o estandarte para dentro da cidade acompanhando-o com palavras de colera *Ahi o tendes cobardes*, e dando as esporas ao cavallo toma o caminho d'Estremoz, mas no sitio onde hoje está o convento de S. Francisco, o cavallo cáe, morre, e roja sêu corpo por terra, e não tardou muito que seu dono não jazesse junto d'elle, vendendo sua vida a preço do sangue de dez Hespanhoes, que se encontraram mortos rodeando o corpo do valente cavalheiro.

E' esta a lenda que os habitantes d'Elvas narram quando se lhes pergunta pela segnificação d'aquelle cavalleiro, que tem por armas.

Nada ha que possa affirmar esta

tradição senão a antiguidade, e o conservarem as portas d'Elvas fechadas na occasião da procissão de *Corpus Christi* em Badajoz.

Comtudo a verdadeira causa d'este escudo d'armas consiste, em que os habitantes d'Elvas pedindo ao rei D. Sancho segundo, que lhes desse um brazão para a sua cidade, o rei os mandou ir uma hora depois ao pateo do seu palacio, afim de satisfazer ao seu pedido. A' hora marcada se apresentaram no sitio aprazado. Ahi estava o rei montado n'um soberbo cavallo, com o estandarte real na mão. — *Eis-aqui vossas armas* lhe disse elle. — *Sou eu o vosso melhor brazão.*

ERICEIRA.

Tem por armas em campo branco um ouriço. Esta villa sendo abundante de todas as qualidades de marisco, peixes, e principalmente d'ouriços marinhos, provem d'ahi o nome e as armas.

EXTREMOZ.

Tem por armas uma planta de tremoços; por terem achado n'aquelle sitio os primeiros habitantes grande quantidade de tremoços.

EVORA.

Tem por armas n'um escudo branco, um cavalleiro montado n'um cavallo, que na carreira tem as patas de traz assentes n'um campo verde, e as da frente levantadas. O cavalleiro com capa vermelha e roupeta roxa leva a espada desembainhada na mão direita, e na esquerda duas cabeças ensanguentadas, e suspensas pelos cabellos.

Giraldo, denominado *Sem Pavor* por seu animo valoroso, e por ser attrevido, cavalleiro do tempo de D. Affonso Henriques, o qual como se tivesse retirado de Lisboa por um crime grande, que commettera, fugira para os Mouros, e reunido com outros seus companheiros, vivia no Alemtejo. Como quizesse reconciliar-se com seu rei, e não se attrevesse a ir á sua presença, sem ter

obtido perdão determinou tomar por ardil a praça d'Evora.

Houve uma torre, de que hoje não ha senão vestigios, que servia d'atalaia á cidade. Guardavam este baluarte um mouro e sua filha, em quanto um dormia outro velava. Não desconhecia isto Giraldo. Tendo patenteado seus projectos, e dado suas ordens aos companheiros, uma tarde, ao pôr do sol, cobrindo-se de silvas para o não distinguirem do mato subio até á torre. N'esta occasião o mouro adormecido deixára de vigia a filha, que igualmente adormecêra á janella.

Giraldo vendo isto subio cautelosamente, cortou a cabeça á Moura, entrou depois pela janella e degolou o outro guarda, que igualmente dormia. Sendo senhor da torre, Giraldo e seus companheiros se apoderaram da cidade d'Evora.

D. Affonso folgando não só pela acção valorosa, mas principalmente pela conquista da praça, deu-lhe o perdão,

e o despachou Alcaide mór da cidade, e ordenou, que Evora tivesse por brazão a Giraldo montado n'um cavallo tendo na mão as cabeças dos dois Mouros que degolou.

FARO.

Tem por armas uma Senhora da Conceição entre duas torres; e não um escudo em branco como alguem quer.

FREIXO D'ESPADA Á CINTA.

Tem por armas um freixo e d'elle pendente uma espada.

Dizem que um fidalgo por appellido Feijão fora o fundador d'esta villa, e porque o escudo d'armas d'este fidalgo consistia n'um freixo, e uma espada no meio, tomaram d'ahi o nome e as armas.

FUNCHAL.

Tem por armas pães cinco d'acucar emquinas, com uma cana.

GOA.

Tem por armas n'um escudo de sangue um castello branco, sobre as ameias uma roda de navalhas, e na parte superior de tudo uma mitra.

GOLEGÃA.

Tem por armas uma mulher com uma infusa.

A mulher com a infusa representa uma Gallega, que n'este logar primeiramente fundou uma estalagem, onde iam todos os nobres no principio do reino; depois se tornou d'ahi a villa, que tomou da Gallega o nome e as armas.

GOUVEA.

Tem por armas em campo de prata um leão de purpura armado d'azul e por timbre o mesmo leão.

GRANDOLA.

Tem por armas a cruz de Christo.

GUARDA.

Tem por armas uma torre com tres baluartes, e no meio as armas reaes.

GUIMARÃES.

Tem por armas uma imagem da virgem Maria junta d'uma oliveira.

IDANHA A NOVA.

Tem por armas uma esphera divisa d'el-rei D. Manoel.

JERUMENHA.

Tem por armas um castello, rodeado d'agoa, das muralhas do castello pendem uns grilhões.

O castello, dizem, reprezentar a villa, o seu rodeado d'agoa, mostra o rio que a banha, e os grilhões alludem a um antigo privilegio de que os moradores d'esta villa gozavam, quando erão presos.

LAGOS.

Tem por armas um escudo em branco coroado.

LAMEGO.

Tem por armas uma torre quadrada, com porta fechada, suas seteiras, tendo tres baluartes; posta sobre um monte verde, da esquerda uma arvore esgalhada com pomos; por cima o céo estrellado, e o sol com sua cor da parte direita, e a lua da esquerda.

LEIRIA.

Tem por armas um pinheiro, com um corvo na parte superior.

Por occasião da guerra que D. Af-

ffonso Henriques teve com seu primo o rei de Castella; os mouros se ajuntaram, e tomaram d'improviso o castello de Leiria. Tanto que D. Affonso Henriques soube isto partio logo, e assentou seus arraiaes no sitio que hoje se chama o *Cabeço do Rei*. Quando tinham começado a batalha viram um corvo pousar sobre um pinheiro, e quanto mais os nossos combatiam, tanto mais o corvo batia as azas em signal de contentamento; então os soldados tomando isto por agouro atacaram uma porta com tal violencia, que immediatamente entraram e se apoderaram do castello.

Sabendo D. Affonso o successo quiz que Leiria tomasse por armas o pinheiro e o corvo.

LINHARES.

Tem por armas meia lua e cinco estrellas. A significação d'estas insignias é a mesma que as de Celorico. (Vede *a descripção de Celorico*).

Lisboa.

Tem por armas um escudo partido ao meio; no lado direito as armas reaes, do lado esquerdo na parte superior um navio com dois corvos, um na prôa e outro na pôpa, e no meio um tumulo, o navio está assente sobre mares azues e dourados; na parte inferior finalmente tem uma esphera.

N'um navio sempre consistiram as armas d'esta cidade, antigamente representava a embarcação em que viera Ulisses a Lisboa. Agora o navio significa a zabra, que conduzira o cadaver de S. Vicente para Lisboa, traz as velas apanhadas para lembrar a bonança que houve quando o Santo era trazido pelo mar: no meio está um tumulo em que veio S. Vicente, e os dois corvos, representam os que o acompanharám desde Valença.

Escreve André de Resendre, que em algumas portas dos muros antigos de Lisboa, no tempo de D. Fernando primeiro, se achara o brazão da cida-

de junto ás armas reaes como presentemente, sem comtudo se explicar a razão d'isto.

Alguem quer, que o escudo d'armas seja sómente o navio, e os dois corvos; mas n'uma das sallas da Camara de Lisboa se vê pintado como o acabamos de descrever.

A esphera é a divisa d'El-Rei D. Manuel.

MACAU.

Tem por armas em escudo branco co as reaes, com esta letra em circuito — *Cidade do nome de Deus, não ha outra mais leal.*

MIRANDA.

Tem por armas um castello com trez torres e sobre a do meio uma meia lua com as pontas para baixo.

MONFORTE.

Tem por armas trez torres com suas bandeiras em cima de seus corucheos.

MONSANTO.

Tem por armas uma aguia, divi-

sa do imperio, e uma esphera que lhe ajuntou El-Rei D. Manuel.

A esphera era divisa d'este rei por ser no seu reinado que se descobrio o novo mundo.

MONTE-MÓR-O-NOVO.

Tem por armar um castello fundado sobre trez montes, tendo uma ponte para a esquerda e outra para a direita.

O castello representa o que Monte-mór tem para sua defesa sobre os trez montes; as duas pontes são as que dão caminho uma para Evora outra para Alcacer.

De sorte que o brazão é o panorama da villa.

MONTE-MÓR-O-VELHO.

Tem por armas as reaes.

MONÇÃO.

Tem por armas em campo branco, uma mulher sobre os muros com dois pães junto de si, e esta legenda: *Deus o ha dado.*

Moura.

Tem por armas uma mulher debaixo das janellas de uma torre.

D. Alvaro, e Pero Rodrigues, cavalleiros do tempo de D. Affonso Henriques tomaram a villa hoje chamada Moura.

Tinha esta villa antigamente um castello sendo d'elle Alcaidessa uma moura chamada Saluquia, filha de Buacon senhor de muitas terras no Alemtejo. Tratou ella de se casar com um Mouro chamado Brafama, senhor do castello d'Arouche, o qual vindo para celebrar os desposorios, foi assassinado por D. Alvaro e D. Pero, que tambem mataram todos aquelles que acompanhavam Brafama, e tendo tomado os vestidos dos Mouros mortos, entraram no castello com danças imitando as dos mouros. Mas Saluquia que estava á janella, conhecendo a traição, para evitar o ser escrava se lançou da janella abaixo.

Estas armas coincidem com a legenda d'um sepulcho da Igreja do cas-

tello, em que diz: — *Aqui jazem os cavalleiros que tomaram esta terra.*

Mourão.

Tem por armas as quinas reaes, tendo na parte inferior do lado direito o sol, do esquerdo a lua.

Niza.

Tem por armas n'um escudo de sangue um castello, com tres baluartes, na parte superior do escudo tem duas estrellas uma da direita outra da esquerda; na parte inferior tem do lado direito uma quina azul com cinco dinheiros dentro, em forma de cruz, do lado esquerdo uma meia lua com as pontas para baixo.

Obidos.

Tem por armas, n'um escudo verde uma torre branca sobre um outeiro.

Olivença.

Tem por armas uma fortaleza com suas torres, e uma oliveira á porta.

Ourem.

Tem por armas n'um escudo branco uma aguia com as azas estendidas:

na parte superior do escudo tem do lado esquerdo uma estrella azul, e da direita uma meia lua tambem azul; na parte inferior dois escudos pequenos azues, com cinco dinheiros em aspa dentro, um da direita outro da esquerda.

PALMELLA.

Tem por armas uma palma que sustenta um braço de homem entre dois castellos, e em cada lado do escudo o habito de S. Thiago, e por timbre as quinas reaes de Portugal.

PENELLA.

Tem por armas, n'um escudo azul, tres castellos brancos, dois na parte superior do escudo, e o terceiro na parte inferior.

PEDROGÃO GRANDE.

Tem por armas uma aguia mirando o sol, e por baixo um rio.

A aguia mostra, que a villa foi fundada pelos Romanos, pois era esta a insignia d'elles, indicando que erão poderosos como a aguia. O rio representa o Zeréz, um dos que a cerca.

PENAFIEL.

Tem por armas um escudo, dentro do qual se vê uma cruz, com a forma da Ordem de Christo entre duas espadas parallelas, e com a ponta para cima. O escudo é ornado pela parte superior com uma fita com a legenda *Civitas Fidelis*, e pelo lado com uma palma de ramo d'oliveira.

PENAMACOR.

Tem por armas n'um escudo de sangue uma chave, uma espada, e duas meias luas, pegadas com as pontas em direcção oppostas.

PINHEL.

Tem por armas d'uma parte as reaes, d'outra um pinheiro e em cima d'elle um Falcão.

Dizem que se originão estas armas de seu primeiro Guarda mór, chamado Pinhel Falcão.

PONTE DE LIMA.

Tem por armas as quinas reaes, seguras pela cabeça de dois serafins.

PORTEL.

Tem por armas n'um escudo ver-

melho, sete castellos amarellos, tres na parte superior do escudo, outros tantos na inferior, e finalmente o setimo no meio.

PORTALEGRE.

Tem por armas n'um escudo de prata duas torres; representando as que a cidade tem para sua defensa.

Porem na *Corographia do Padre Carvalho* lê-se do modo seguinte a descripção do escudo d'armas de Portalegre. Uma torre alta sobre um campo verde, com porta fechada, quatro frestas, e duas guaritas; no meio da torre um baluarte, e finalmente céo esverdinhado.

PORTO.

Tem por armas duas torres, e no meio uma imagem de Nossa Senhora de Vandoma com o menino ao collo, e esta legenda *Cidade da Virgem.*

O escudo é ornado com a corôa ducal, e com as insignias da Gram Cruz da antiga, e muito nobre ordem da Torre e Espada, do valor, Lealdade e Merito; servindo de colar ao mesmo escudo, e tendo pendente a Medalha.

Estas armas são do tempo dos Gascões, que tendo vindo alli, acháram o castello arruinado, e conhecendo o bom posto para se defenderem dos Mouros, o reparáram. As duas torres representam o castello: e a imagem da Mãi de Deus, faz a allusão, a que ao poder da Virgem Maria é que devião as victorias que tinhão alcançado, tendo por costume, em testemunho de agradecimento, pôr o nome de Santa Maria á terra que tinham conquistado.

Assim se conservaram as armas do Porto até que pelo decreto de 4 de Abril de 1833 El-rei o Senhor D. Pedro IV. ordenou que se juntassem a corôa, e o colar; para remumurar os serviços que esta cidade prestou na occasião da guerra civil.

Povos.

Tem por armas um castello debaixo d'uma oliveira.

Sabugal.

Tem por armas um sabugo: por haver n'esta terra muitos: e uma chave.

SANTARÉM.

Tem por armas uma torre, com tres baluartes sobre um rio, e as armas reaes sobre a porta da torre.

SILVES.

Tem por armas um escudo branco sem divisa, com uma corôa, por ser cidade.

SETUBAL.

Tem por armas uma barca entre ondas, cercada de peixes, com um castello em cima, e duas cruzes da ordem de Santiago.

SORTELLA.

Tem por armas um annel: e antigamente meia lua, donde se diz ser fundação dos Mouros.

TAVIRA.

Tem por armas uma náo, e uma ponte; por causa do seu porto.

THOMAR

Tem por armas em campo redondo, dividido com uma cruz em quatro quarteis, no primeiro á direita, Britaldo com um vestido roçagante, tendo um bastão, ou sceptro na mão — no

segundo, o soldado que degollou Santa Iria, chamado Banão, com um punhal e uma arvore — no terceiro, um castello — no quarto, a Virgem degolada, cahindo no rio Nabão. Á roda tem uma orla em letra gothica, e contem o seguinte: — *Sigillum Concily Tomery Ordinis militiæ Christi.*

Na fachada da camara estão trez escudos divididos, n'um o habito de Christo, n'outro as quinas reaes, e finalmente no terceiro a esphera do glorioso D. Manuel.

TORRE DE MONCOU VO.

Tem por armas (sem escudo) um castello com uma só torre, e aos dois lados d'ella dois corvos.

Contam varias tradições a respeito do nome e armas d'esta villa. Uns querem, que existisse antigamente uma aldeia no sitio onde hoje está fundada a villa de Moncorvo; e ahi um lavrador achando um thesouro, para experimentar sua mulher, lhe dissera, que tinha dado á luz um corvo; mas que nada referisse do que tinha ouvido. A

mulher tanto que saío d'alli contou tudo quanto o marido lhe referira, dobrando o numero dos corvos. Sabendo isto o marido se absteve de lhe declarar, que achára o thesouro; passado tempos fundou uma torre para se defender dos Mouros. O lavrador chamava-se Mendo, e por esta razão se chamou á torre que fundára, *Torre de Mendo de corvo*, e com pequena alteração agora se chama Torre de Moncorvo.

Outros dizem que a aldeia se chamava Corvo e o lavrador Mendo.

Torres Novas.

Tem por armas (como se vê n'uma porta antiga) uma torre com uma mão em cima apertando uma maça.

Torres Vedras.

Tem por armas dois baluartes sobre um castello, não se pode comtudo designar a côr do escudo, nem a do castello por serem de pedra: no centro tem o brazão das armas reaes de Portugal, despido da orla dos castellos.

TRANCOSO.

Tem por armas um castello, uma aguia, e uma estrella.

VALENÇA.

Tem por cima da porta da ponte as armas reaes, que lhe mandou pôr o Visconde D. Diogo de Lima Brito Nogueira.

VIANNA DO MINHO.

Tem por armas uma náo.

VILLA DO CONDE.

Tem por armas uma náo á véla.

VILLA NOVA DA CERVEIRA.

Tem por armas em escudo verde uma ceiva, que, dizem se achou n'este logar.

VILLA FERREIRA.

Tinha por armas uma veneranda mulher com um capello até aos pés, e dois malhos nas mãos.

Dizem que esta mulher no tempo, que os Godos, e Suevos tomaram este reino, defendeo por muito tempo a entrada d'uma fortaleza celebre.

VILLA FLOR.

Tem por armas uma flor de liz,

por allusão ao nome, e ás armas reaes. Mas na caza da camara se vê um escudo com cinco Aguiãtas, que serviram de antigas armas da villa, ou do mais antigo donatario, que teve o appellido de Aguilhares; e por que no tempo de D. João primeiro seguira o partido de Castella lhe foi tirada a villa.

VILLA DE MELLO.

Tem por armas as reaes entre duas arvores verdes, e cada uma com seu Melro.

VILLA REAL.

Tem por armas uma corôa de louro, e dentro d'ella umas letras que dizem — *Alleo* — e ao pé uma espada que parece denotar a dignidade do marquezado.

A razão d'estas armas, dizem ser, que acabada a conquista da cidade de Ceuta, como D. João primeiro, quizesse dar-lhe um governador, que a soubesse defender; e já muitos nobres tivessem recusado tal honra, succedeu que D. Pedro de Menezes primeiro Conde de Villa Real se apresentou, na occasião

que os mais cavalleiros jogavam a choca, e elle com o mesmo páo com que estava jogando, que se chamava *Alleo*, disse a El-rei: Eu defenderei a cidade, com este Alleo.

A corajosa defensa de Ceuta por D. Pedro com seu Alleo, por tantos annos, tornou o Alleo celebre para Villa Real, e se dá aos Governadores d'ella em logar de bastão.

É esta a razão porque tem o Alleo por armas dentro d'uma corôa de louro, que D. Pedro de Menezes tão valorosamente alcançou na defensa de Ceuta.

VIZEU.

Tem por armas uma torre posta sobre um monte, com tres torreões; da parte direita um homem vestido de vermelho com carapuça de caça de côr parda, tocando uma bozina que sustenta na mão esquerda, por que tem mutilada a direita; da outra parte da torre, uma arvore verde muito fechada.

El-rei D. Ramiro segundo de Leão, encantado da formosura d'uma Moura, irmã de Alborazar, senhor de muitas

terras, a roubou. Por este facto Alborazar, preparou uma armada, e arrebatou a mulher de D. Ramiro e todas as donzellas que poude apanhar. D. Ramiro ficou quazi doudo quando soube tal, e escolhendo immediatamente alguns dos mais nobres e valorozos cavalleiros, partio para Gaya, onde estava Alborazar: chegado ahi ordenou a seu filho D. Ordonho, que se recolhesse e os outros cavalleiros n'um bosque que ficava proximo ao castello, e que ao som da sua bozina todos corressem a elle.

D. Ramiro vestido pobremente se deitou junto d'uma fonte, uma escrava vendo-o alli tão desemparado da fortuna o conduzio ao palacio de sua senhora. Esta reconhecendo seu esposo, cheia de ciume de Ortiga, (a moura que D. Ramiro roubára)o mandou prender e entrégar a Alborazar, que logo ordenou que o matassem. D. Ramiro conhecendo a traição pedio, que antes de morrer lhe permittissem que tangesse sua bozina. O pedido foi outorgado, e no momento em

que tudo estava prestes para o mata-rem tangeu elle a sua trombeta. Immediatamente os cavalleiros sairam do bosque, cairam sobre os Mouros e os mataram todos, inclusivamente Alborazar. D. Ramiro encolerizado pela feia traição de sua mulher, a lança ao rio com uma mó atada aos pés, e depois casou com D. Ortiga.

As armas de Viseu referem-se a este facto, o castello representa o de Gaya o homem vestido humildemente, tocando buzina allude a D. Ramiro, e a arvore, verde muito fechada representa o bosque onde se escondeu D. Ordonho e os mais.

FIM.

NOTAS.

(1) Veja-se a Aula da Nobreza.

(2) Idem

(3) Veja-se Monarchia Lusitania, Chronica dos dez primeiros reis de Portugal, Dialogo de Varia Historia, etc.

(4) Albegaria, ou o Triumpho da Nobreza (manuscrito).

(5) Compendio Historial de Hes-

panha por Garibay, Camões, Alexandre Herculano

(6) Albegaria, e Chronica dos Reis.

(7) Antiguidades do reino por Gaspar Estaço.

(8) Albegaria; e varios compendios de Historia.

(9) Albegaria; Chronica de Duarte Menezes.

(10) Geografia Historica; por D. Luiz Caetano de Lima.

(11) Finalmente para evitarmos uma contínua repetição d'autores, nomearemos aquelles onde colhemos os elementos para descrevermos os brazões das Camaras de Portugal.

Albegaria ou o Triumpho da Nobreza (manuscriptos).

Aula da Nobreza.

Antiguidades do reino, por Gaspar Estaço.

Brazões das armas das villas e cidades (manuscripto)

Corografia Portugueza, pelo Padre Carvalho.

Gabinete Historico.

Geografia Historica, por D. Luiz Caetano de Lima.

Divertimento Erudito por Fr. João Pacheco.

João de Barros, antiguidades dentre Douro e Minho.

Livro d'Armaria d'Alcobaça.

Nobreza de Lisboa; pelo Doutor Gasco (manuscripto).

Nobiliario do Conde D. Pedro.

Nobiliarchia Portugueza, por Villas Boas.

E varios outros documentos manuscriptos, e communicados.

Fim das notas.